



MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 05 | MAI. 25



Manifesto

Altura, abertura e profundeza

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

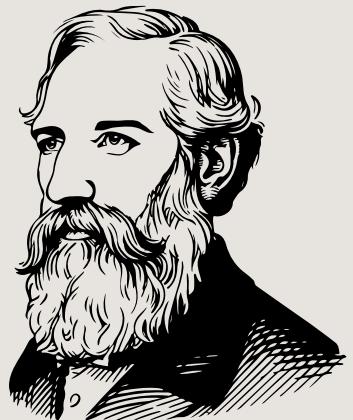
E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 56 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 56 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Ana Maria. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



Meu nome é Renato. Tenho 63 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, jiló, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 54 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.



A IMANTADA

Sou a Luciana França Bernardino. Descobri cedo demais que as secretárias das escolas não gostavam de usar o Ç, o que me obrigava a me afirmar nas chamadas, dia sim, dia também. “Luciana Franca?” “Presente. É França.” Curioso, que hoje, quando eu não poderia me importar menos que errem meu nome na espera para fazer um exame, as pessoas começaram a digitar o Ç. Talvez, junto comigo, o teclado tenha mudado. Magnética, porque histórias são feitas para serem lidas. Porque histórias existem para serem contadas.



ÍNDICE

A PORTA

Luciana França Bernardino

07

ANDREQUICÉ

Renato Guimarães Ferreira

09

QUEM, ONDE, QUANDO, COMO?

Ana Maria

14

ELIAS ABRE O DIA

Paula Bessa

17

TOMÁS CINZENTO

Eliana Bianco

19

SAMARCANDA, ASHGROVE E O CAIS DE PEDRA

Sérvio Túlio Prado Jr.

22

MEMÓRIAS DE UM CAMINHANTE URBANO

Mario Aquino

25

A PORTA

A - Você é o último da fila?

B - Sou, sim.

A - Tem pouca gente, né? Ah, que bom! Vai ser rapidinho!

B - Ih... sei não... Tô aqui faz um tempinho já...

A - Sério? Achei que era só abrir aquela porta e entrar. Por que demora tanto?

Não é possível que peçam alguma documentação! Não trouxe nada.

B - Fica tranquila, não é isso. Pelo que eu consigo ouvir daqui, a demora acontece porque a pessoa trava quando a porta se abre. Fica indecisa se vai ou se volta.

A - Ué, mas ali na outra sala, o cara ficou um tempão conversando comigo. Disse que eu só podia entrar nesta fila se eu tivesse realmente decidido entrar ali na porta.

B - É, nem me fala. Eu demorei uma eternidade para me decidir. Foi uma luta. Mas você sabe como são as pessoas, né? Na hora do vamos ver, o medo vem. Já ouvi gente rezando, jogando dados e até pedindo conselho pros outros da fila. Por isso demora um pouco. Mas já já chega a sua vez.

A - ...

B - ...

A - E, vem cá, posso ver seu mapa? Fiquei curioso pra saber o seu destino...

B - Tá aqui. Vou pra cá.

A - Ué, mas meu sonho é completamente diferente. Será que tô na fila certa?

B - Tá sim. Pode até perguntar pro moço que chegou aí atrás de você que você vai ver que o destino dele é outro bem diferente. Não importa. É pela mesma porta que entramos.

A - Ué... vai ver lá dentro se pode tomar vários caminhos...

B - Com certeza.

A - ...

B - ...

A - ...

B - Chegou minha vez. Vou nessa. Boa sorte.

A - Obrigada. Tchau. Hum... Olá, senhor, sim, finalmente chegou a minha vez.

Ah, sim, é só abrir a porta e entrar? Deixa só eu te fazer uma pergunta. Lá dentro tem umas plaquinhas pra eu saber se eu tô na direção certa? Ah, entendi... não tem... Sim, sim, agora que você comentou, tô vendo uma plaquinha aqui na porta. Pequena, peraí, deixa eu ler. "Desconhecido". É... tá... e depois de entrar eu posso voltar, né? Ah, sim, claro, volto pra cá, exatamente onde estou. Tá bom, obrigada. É como arrancar o band-aid. Tem que ser rápido. Um, dois, três e já!

Luciana França Bernardino



ANDREQUICÉ

*"O senhor sabe o que é silêncio é?
É a gente mesmo, demais."
GSV – Guimarães Rosa
i*

Eu estava em Cordisburgo, cidade natal de Guimarães Rosa, participando de um tradicional encontro de amantes e estudiosos da obra do Guimarães Rosa. Dias de uma beleza cerradeira, sol quente e poeira alta, quando se abria a possibilidade de mergulhar na obra desse gigante da literatura brasileira por meio da palavra escrita e ouvida, da paisagem e dos personagens que pareciam saltar de seus livros para a vida ou vice-versa.

Acordei cedo, tomei um banho quase gelado e um café forte na caneca esmaltada toda lascada que se encontrava sobre a mesa com toalha amarela e barra de chita. É difícil encontrar uma caneca que não tenha essas marcas do tempo e do uso – só mesmo as recém-compradas. Comi pão de queijo feito na hora, bolo de milho e queijo fresco furadinho, ouvindo no rádio as notícias locais.

Eu estava hospedado em uma pensão, se não me engano a única da cidade, onde também estava hospedada uma das filhas do Guimarães Rosa. Mas, naquela hora, não havia ninguém na sala do café além de mim, era bem cedo. Preparei-me para sair logo rumo a Andrequicé, distrito de Três Marias, que ficava a pouco mais de duas horas de lá.

Queria visitar o Museu do Manuelzão, companheiro de viagem de Guimarães Rosa em sua passagem pelo cerrado e também personagem de um de seus contos que tem o nome de “Uma história de amor” – justamente o conto que hoje em dia é publicado em um volume junto a “Campo Geral”, para mim o conto mais bonito do mundo. Viagem boa, tranquila, janelas abertas para ouvir os pássaros e sentir o vento na cara.

Assim que cheguei à cidade, fui direto para o Museu. Como ele é muito pequeno, em menos de uma hora eu já tinha terminado de ver e rever tudo em detalhes. E aí começaram as dúvidas. E agora, o que faço?

Saí caminhando pela cidade, mas isso também logo se esgotou. Passei pela antiga Igreja de Nossa Senhora das Mercês – ela, com suas paredes lascadas como a caneca em que tomei café de manhã, estava fechada. Procurei um barbeiro, o que é sempre um ótimo lugar para se assuntar sobre as notícias da cidade, mas não encontrei. Se tivesse encontrado, estava disposto até mesmo a cortar o cabelo, que não precisava deste trato. Passei na porta do cemitério, mas não quis entrar.

Andei de um lado para o outro e percebi que eu já começava a gerar alguma desconfiança dos moradores da cidade, que apareciam nas janelas, mas faziam que não me viam e desapareciam rapidamente no escuro de suas casas. Eu esticava os olhos, tentava ver o que se passava lá dentro, vasculhava os jardins de muro baixo onde cresciam uns poucos pés de mandioca, quiabo, ora-pro-nobis, algumas bouganvilleas floridas que davam cor ao cenário poeirento. Não sabia mais o que fazer, mas eu não me conformava de ter dirigido por mais de duas horas para alcançar um lugar que queria tanto conhecer e simplesmente ir embora duas horas depois.

Fui até um bar, pedi um café e puxei prosa com o proprietário.

- “Vim conhecer a cidade, mas acho que já vou embora.”
- “Mas já, fique pra almoçar, uai! Daqui a pouco já tem comida pronta. Minha mulher tá fazendo.”
- “Não sei, eu teria de esperar um bocado ainda...”
- “O senhor pode ir passear um pouco, conhecer as belezas da região. Hoje o João, que é meu primo, tá de folga, pode acompanhar o senhor até a beira do rio. É bonito lá! Ele mora ali em frente, daqui a pouco aparece por aí.”

Achei boa a ideia, disse que ia esperar na praça em frente. Eu, que não fumo, comprei um cigarro de palha para tentar disfarçar um pouco – sem sucesso algum – aquele ar forasteiro. Sentei lá e fiquei olhando o nada acontecer. Esperei, esperei, esperei. Comecei até a gostar de ficar ali, no bem-bom, sem nada pra fazer, sem pressa, sem programa. Lembrei-me de uma frase do Rosa: “*Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo*”.

Pois é, o milagre estava em formação. O João apareceu e me levou para a beira do rio: um rio largo, mas com mais pedra do que água. Era bonito, bem bonito, mas tinha muito mosquito. Fiz questão de ir até o meio para molhar os pés e sentir mais de perto o frescor daquelas águas. Fiquei pensando: “*Será que esse rio deságua no rio de-Janeiro? O de-Janeiro passa aqui perto, mas é um pouco mais caudaloso. Deságua no São Francisco e foi às suas margens que Diadorim e Riobaldo, personagens do Grande Sertão: Vereda se encontraram pela primeira vez...*” Quis lembrar das palavras exatas que narraram esse encontro, mas a memória não as alcançou. Fiquei de procurar por isso ao voltar à pensão.

Voltamos pra cidade. Eu o convidei pra almoçar comigo, mas ele me disse que tinha algo a fazer. Almocei no bar onde passara de manhã, em meu momento de maior confusão. Almoço farto, que certamente alimentaria a mim e mais outras tantas pessoas. De tudo que serviram, lembro-me particularmente da carne na lata (daquelas que ficam por meses dentro de latas cobertas de banha de porco e que, ao serem finalmente preparadas, derretem na panela e depois na boca....)

Um dia de nada tornou-se assim um dia raro, onde tudo foi acontecendo sem plano algum, obedecendo a uma lógica que não era a minha, mas a do lugar. Tinha uma sensação particularmente acentuada de que vida e literatura muitas vezes se misturam e é bastante difícil separar uma da outra.

Ao chegar na pensão, tomei um banho e me sentei no alpendre da pensão com o *Grande Sertão: Veredas* em mãos. Queria localizar a passagem onde se narrava o encontro entre Diadorim e Riobaldo às margens do rio de Janeiro. Não foi difícil encontrar, parecia até que a passagem saltava aos olhos, querendo ser lida. E ela dizia assim:

"Saiba o senhor, o de-Janeiro é de águas claras. E é rio cheio de bichos cágados. Se olhava a lado, se via um vivente desses – em cima de pedra, quentando sol, ou nadando descoberto, exato. Foi o menino quem me mostrou. E chamou minha atenção para o mato da beira, em pé, paredão, feito à régua regulado. – "As flores..." – ele prezou. No alto, eram muitas flores, subitamente vermelhas, de olho-de-boi e de outras trepadeiras, e as roxas, do mucumã, que é um feijão bravo; porque se estava no mês de maio, digo – tempo de comprar arroz, quem não pôde plantar. Um pássaro cantou. Nhambú? E periquitos, bandos, passavam voando por cima de nós.

Não me esqueci de nada, o senhorvê. Aquele menino, como eu ia poder deslembra? Um papagaio vermelho: – “Arara for” – ele me disse. E – quê-quê-quê? – o araçari perguntava, Ele, o menino, era dessemelhante, já disse, não dava minúcia de pessoa outra nenhuma. Comparável um suave de ser, mas asseado e forte – assim se fosse um cheiro bom sem cheiro nenhum sensível – o senhor represente. As roupas mesmas não tinham nódoa nem amarrotado nenhum, não fuxicavam. A bem dizer, ele pouco falasse. Se via que estava apreciando o ar do tempo, calado e sabido, e tudo nele era segurança em si. Eu queria que ele gostasse de mim.”

Eu não vi nenhum cágado, nem sei dar nomes às plantas e aves que vi (talvez seja mais preciso dizer “plantas e aves” que **vivi**), mas tenho a impressão de que cheguei bem perto do lugar onde eles estiveram. E talvez por isso tenho até hoje vontade de que ele, Diadorim, também goste de mim.



Renato Guimarães Ferreira

QUEM, ONDE, QUANDO, COMO?

Antigamente havia jogos de tabuleiro, que se jogava frente a frente com outras pessoas sentadas no mesmo ambiente. Um que me ensinou geografia e até um pouco de geopolítica era War. Para os jogadores mais sérios podia ser até uma sessão que exercitava estratégia, para mim era uma oportunidade de estar com amigos. Neste século XXI em que estamos alguns jogos podem ter partidas online, com adversários e/ou aliados do outro lado do mundo e que talvez não conheçam seu idioma e cujo único interesse e você é jogar. Num desses aplicativos de ensino de línguas há exercícios que se referem a jogos online entre amigos que moram em diferentes países. Ou seja, concomitância, para que?

Mas num desses jogos, chamado Detetive, era necessário identificar quem tinha matado a vítima, onde tinha feito o crime, por que e como ou com que arma. Nesse caso, tudo acontece numa casa. Nesses tempos ainda não havia aplicativos de localização, além da bússola, com a qual nunca aprendi a lidar. De fato, em algum momento fui “diagnosticada” como cretinismo topográfico, muito adequadamente, pois o meu instinto sempre me levava para o local na direção errada, quanto eu tinha escolha. Isso vale para qualquer cidade desconhecida, para quartos de hotel e salas de eventos. Não é necessário ter pena de mim, mas de fato os pontos cardeais – para muitos a melhor maneira de se orientar – para mim são convenção. Mesmo perto da minha casa, ainda mais considerando o

quanto eu caminho, não é raro eu me confundir e não saber bem onde estou. Depressão? Falta de atenção? Desinteresse? Muita coisa na cabeça? Não sei, mas sou assim desde que nasci. E na minha família há as pessoas que nasceram com todas as coordenadas, as latitudes e as longitudes na cabeça. Difícil aceitar que desde o nascimento as causas acima estejam presentes, acho que como sempre o Mendel deve ter razão, pelo menos no começo. Dá para aprender a ser localizar? Claro...até mesmo o Manual do Escoteiro Mirim do Disney, dos gibis certamente ensinava. MAS há quem tenha mais dificuldade de aprender.

Eu tenho uma característica que é uma grande vantagem, eu acho. Mantenho amigos, pelo menos desta vida, desde tempos imemoriais. E boa parte deles conhece este meu problema e aceita. Por exemplo, num grupo de “meninas” que nos conhecemos desde os anos 1950/1960, em média – já fomos 9, depois 8 e agora somos 7 – viajamos juntas, cada vez mais raramente em grupo completo, só para desfrutar da (boa) companhia. Fui motivo de bullying porque ao chegar numa das casas de inverno de uma de nós, além de elogiar localização e decoração, eu afirmei estar feliz de conhecer o local, onde eu já tinha estado. Só aceitei a realidade e meu vazio cerebral ao ser lembrada de coisas que fizemos, das quais eu participei intensamente. Aceitei, é claro. Juro que era mais nova do que sou hoje. E em geral minha memória às vezes falha, mas mais cedo ou mais tarde me acompanha. Até mesmo em Portugal um amigo, que também conheço desde os anos 1990, já me disse que embora eu, de fato, sabidamente não consiga me localizar, na “terrinha” ele me aconselha a não dizer que sou uma mulher perdida.

Noel Rosa, há tanto tempo, escreveu numa letra inesquecível, que “aqui neste mesmo lugar...parece que nada mudou...mas qualquer coisa não rima com o tempo feliz que passou...”. As coisas mudam, o tempo passa, as armas e os instrumentos se modernizam, as causas variam e, da mesma forma, os entornos não são mais os mesmos.

Em São Paulo, pelo menos por onde eu caminho, a cada dia há prédios e casa que são derrubados, há prédios e prédios e prédios que são levantados, comércios que fecham, comércios que abrem. Pontos cardeais sim, existem (embora não façam sentido para mim). Mas acima de tudo é necessário ter pontos de referência. Além dos morais, e esses eu aprendi direitinho, alguns da cidade. Por exemplo, o relógio do Itaú, que fica na Avenida Paulista, dizia para o carioquíssimo Dick Farney, na letra de Noturno em São Paulo, e num tempo em que fazia frio na cidade, que ele estava a 150C de ser feliz. Sendo bem correta, hoje se trata do relógio do Conjunto Nacional. Desde que me conheço por gente moro a menos de 2 quilômetros desse relógio e já aconteceu de eu ter me perdido por perto e só retomar o rumo ao enxergar esse ponto urbano.

É mais minha realidade do que eu me perder em Paris e, com vergonha de perguntar onde está o Sena, perguntar pela Notre Dame, que também já me aconteceu, mesmo tendo morado por lá. Ou seja, perder o rumo, o norte, até a razão acontece. Mas a gente sobrevive. Quem (se) perde? Por que, onde, quando e como? e para recuperar a sabedoria que me foi contada por um amigo, quem procura e não sabe o que perdeu, encontra e não sabe que achou.

Ana Maria



ELIAS ABRE O DIA

Durante a manhã, a cidade era coberta pela névoa que descia, não como um véu... descia como uma camada densa, viva, que escorria pela montanha com consciência, invadindo e abraçando tudo que à frente não mais se via.

Enquanto as janelas e portas permaneciam seladas, Elias, o relojoeiro, respirando a névoa que lhe oferecia passagem, atravessava a cidade com uma única chave de cobre no bolso. Imune à melodia que congelava a cidade pela garganta, murmurava compassos baixos, quase inaudíveis, imitando o pulso dos ponteiros dos relógios de corda, suspensos nas paredes da sua loja.

Com um gesto antigo, tirou do bolso a chave e a girou na fechadura... uma gota. O cheiro de metal, madeira e óleo espalhou-se como uma onda pela penumbra da cidade... então, outra gota... e, num redemoinho que, veloz, subia ao céu.... mais uma.

A tempestade cai.

Durante a manhã, a cidade era coberta pela chuva que caia, não como um véu... caia como uma camada densa, viva, que deslizava pela montanha com consciência, invadindo e abraçando tudo que à frente não mais se via.

Enquanto as janelas e portas permaneciam seladas, Elias, o relojoeiro, atravessava a cidade com uma única chave de cobre no bolso. Com um gesto antigo, tirou do bolso a chave e a girou na fechadura... um sussurro. O cheiro de metal, madeira e óleo espalhou-se como um sopro pela penumbra da cidade... então, num turbilhão de calor que, veloz, subia ao céu.... uma luz breve e intensa.

O fogo calcina.

Durante a manhã, a cidade era coberta pela cinza suspensa, não como um véu... suspensa como uma camada densa, viva, que pairava pela montanha com consciência, invadindo e abraçando tudo que à frente não mais se via.

Enquanto as janelas e portas permaneciam seladas, Elias, o relojoeiro, atravessava a cidade com uma única chave de cobre no bolso. Com um gesto antigo, tirou do bolso a chave e a girou na fechadura... uma tensão invisível. O cheiro de metal, madeira e óleo espalhou-se como um tremor surdo pela penumbra da cidade... então, uma tontura, um estrondo que envolvem tudo o que há, fazem a terra se abrir.

O terremoto arrasa.



TOMÁS CINZENTO

Tomás era um homem cinza, dessaturado, neutro. Não absorvia as cores e tudo em que tocava desmatizava, descoloria. Numa tarde de primavera, sentado num banco embaixo de árvores floridas, ao lado de crianças alegres que espalhavam cores vibrantes por todo o ambiente, sua cinzitude não passou despercebida por uma velha senhora, que sentou-se ao seu lado.

- O senhor não me parece bem...
- Gostaria de experimentar a alegria das cores, mas sempre que me aproximo, elas desaparecem...

A velha senhora refletiu e depois de uns instantes, disse-lhe:

- Conhece as Três Florestas das Cores Primárias?
- Nunca ouvi falar.
- Pois vá visitá-las.

E sem dizer mais nada, a velha senhora levantou-se e se dissolveu na multidão colorida, deixando para trás uma semente de curiosidade na alma cinzenta de Tomás.

Impulsionado por uma urgência que nunca sentira, Tomás começou sua busca. Perguntou em todos os cantos, consultou mapas antigos e lendas sussurradas, até que reuniu informações suficientes para iniciar a viagem. Juntou numa mochila cinza seus pertences descoloridos e partiu.

Caminhou por dias a fio, até que chegou à Floresta Azul. Lá, tudo era uma sinfonia de azuis. O céu, de um cobalto intenso, o lago, um turquesa profundo, as flores, um índigo sereno, as árvores, um azul-marinho majestoso. Havia um frio suave no ar, e uma sensação de serenidade, paz e uma confiança inabalável invadiu-o. Mas a monotonia da cor única, por mais bela que fosse, trazia consigo um silêncio que beirava a melancolia.

Cansado, sentou-se à beira do lago e bebeu de sua água azul, sentindo um frescor que ia além da garganta, atingindo a alma. Adormeceu. Quando acordou, não percebeu, mas seus olhos ficaram azuis. Recolheu uma flor azul e a guardou na mochila.

Continuou sua jornada. Dias depois, encontrou a Floresta Amarela. Lá, a vida explodia em tons de ouro. O céu ao amanhecer tingia a água, as árvores, as folhas e as flores com as cores do sol. Árvores frutíferas ofereciam frutos amarelos e suculentos, um convite à abundância. O lugar esbanjava energia e alegria contagiente, mas a exaustão de tanta intensidade sem repouso também ameaçava, ofuscava e oprimia.

Faminto, Tomás comeu um dos frutos, sentindo a doçura e a acidez explodirem em seu paladar. Não percebeu, mas seus cabelos ficaram dourados. Recolheu algumas folhas amarelas e as guardou na mochila. Já se sentia um pouco diferente. Sentia-se sereno, mas também criativo e com uma nova disposição para o desconhecido.

Finalmente, chegou à Floresta Vermelha. Que intensidade! Tudo ali era um convite à paixão. O vermelho pulsava em cada folha, em cada flor. O pôr do sol tingia o lago em tons de vinho e escarlate, as flores vermelhas decoravam a paisagem com uma vitalidade ardente, e os frutos, de um carmim profundo, convidavam a um banquete de sabores. A sensação era de um calor que aquecia o corpo e a alma. Contudo, a avassaladora força do vermelho puro também insuflava a agressividade. Começou a sentir-se tenso, urgente.

Tomás então recolheu uma flor vermelha para guardá-la junto às outras. Mas ao abrir a mochila teve uma surpresa. Além das flores azuis e amarelas que havia recolhido, outras, em tons de verde, haviam brotado ali dentro. Tomás então colocou a flor vermelha na bolsa e testemunhou um milagre. Ao juntar-se à flor amarela, uma nova flor surgiu, laranja e vibrante. Ao se encontrar com a azul, brotou uma violeta, profunda e misteriosa. Lentamente, em um espetáculo silencioso de alquimia, todas as cores do mundo começaram a brotar de sua mochila, invadindo suas roupas, tingindo sua pele e todo seu ser.

O rapaz encheu-se de sentimentos que até então desconhecia. Era como se a cada cor criada, um novo sentimento ele descobria. A alegria era o maior deles, mas havia também a paixão, a serenidade, o medo, a criatividade, a pressa, a vitalidade. Ele não era mais o Tomás cinzento. Era um mosaico de luz, uma tela viva.

Entendeu, então, que o que lhe faltavam não eram as cores, mas os sentimentos que elas inspiram. O mergulho corajoso em cada uma das cores, com seus dons e seus excessos, o fez despertar de um sonho cinzento e solitário. E percebeu que somente na miscigenação e na pluralidade, em harmonia com o mundo e com as pessoas, é que podemos nos sentir verdadeiramente completos.

Eliana Bianco



SAMARCANDA, ASHGROVE E O CAIS DE PEDRA

Caminha-se pela margem do rio, de onde se veem as ruínas, mas só para mim elas parecem importar. As pessoas que transitam por ali, acostumadas desde sempre avê-las como o pano de fundo natural ao caminhar mais tranquilo aceito pelos fins de tarde, seguem com seus assuntos, ou com a falta deles, rumo à noite em seu primeiro empenho de conquistar o céu. Há também barracas de frutas e de outras coisas das que se comem, bancos e cadeiras para quem queira alongar ainda mais o tempo, já vigorosamente generoso.

Apenas as rodas d'água, levando irrigação a hortas e pomares próximos, conseguem manter seu mesmo ritmo, consagradas que são à gravidade e não à passagem do sol, ou a qualquer outra medida que lhe seja relativa.

Uma cidade antes desta existira ao longo desse mesmo rio. Fora saqueada e destruída mais de cem anos antes, quando um império se fez o sucessor de outro. Palácios, templos, jardins e madraças que contemplavam outrora o fluir da água eram, naquele agora, apenas o silêncio encantado num imaginário espelho.

...

Exatamente como lhe instruíram os meninos do lugar, a quem lançou a moeda quadrangular que tinha no bolso, a sua última, seguia o Dr. Yun Tsun sempre à esquerda em cada bifurcação encontrada após deixar a

estação na aldeia de Ashgrove. Caminha à noite, por um lugar que não conhece, rumo ao que escolheu para si próprio como infâmia e destino. Chegará em breve à casa de Stephen Albert.

Descobrirá então, em um jardim, do que seria feito o labirinto onde se perderiam todos os homens: não de paredes, câmaras, areia, argila e cal, mas de símbolos, e de uma só palavra proibida.

...

Do cais de pedra, deserto, um engenheiro olha para o lado da barra e o percebe sendo o Indefinido. Vê um paquete chegar à distância, pequeno, negro e nítido, seguido pela manhã e pelo esfumaçado resíduo de suas caldeiras. Com ele, uma suave brisa testemunha o cotidiano despertar da vida marítima, velas que se erguem, rebocadores que avançam. E assim, como se um timão lentamente movesse o seu espírito, inicia a sua ode ao mar, intensa, perversa, expiadora...

...

Três leituras, três lugares, três jornadas. Três caminhos que já foram de outros e que, agora, passam também a ser meus.

Notas

(1) O primeiro dos três trechos vem das viagens de Ibn Battuta pelo centro da Ásia. Escutei-o pela primeira vez a partir de um trabalho belíssimo do Jordi Savall mesclando algumas pequenas passagens da narrativa à música tradicional das regiões que, na época, teriam sido visitadas pelo magrebino aventureiro, viajante e contador de histórias.

(2) O segundo texto vem do “Jardim dos caminhos que se bifurcam”, do Borges.

Tentei não dar spoiler porquequero, sinceramente, que quem não leu, leia. É muito bom!

(3) “Ode Marítima”, do Álvaro de Campos. Nunca tinha lido o texto inteiro, só me lembrava de algumas partes. Li porque pensei no cais para me inspirar no tema proposto pelo Renato para edição deste mês. Grande, infinita, universal navegação...

Sérvio Túlio Prado Jr.



MEMÓRIAS DE UM CAMINHANTE URBANO

Há uma magia peculiar em desbravar lugares nunca antes visitados armado apenas com um mapa de papel e a certeza de onde o sol nasce. É uma dança entre instinto e observação, entre a geografia impressa e a realidade tridimensional que se desenrola diante dos olhos.

Perdi-me pela primeira vez aos sete anos com meus primos em Lisboa. Foi também a primeira vez que me encontrei. Entre a multidão falando um português que meus ouvidos brasileiros não decifravam completamente, descobri que carregava comigo duas bússolas infalíveis: um mapa turístico amassado no bolso e o sol da tarde inclinando-se sobre o Tejo.

Anos depois, em Marselha, a habilidade se refinara. O trânsito caótico da cidade portuária – um balé frenético de Peugeots e Citroëns que parecia saído diretamente de "French Connection 2" – exigia rotas alternativas. Enquanto outros turistas se aglomeravam nas artérias principais, eu deslizava pelas ruelas do Panier, o bairro antigo, guiado pela inclinação das sombras. O cheiro de peixe fresco e diesel dos barcos no Vieux-Port orientava tanto quanto o mapa. Há uma lógica oculta das cidades mediterrâneas: sempre há um caminho que leva ao mar.

Berlim apresentou um desafio diferente. A cidade, com suas cicatrizes históricas e sua geografia fragmentada, parecia desafiar qualquer tentativa

de orientação linear. Como os anjos de Wim Wenders em "Asas do Desejo", pairava sobre o mapa tentando compreender não apenas o espaço, mas o tempo cristalizado em suas ruas. O sol, frequentemente oculto por nuvens prussianas, oferecia apenas pistas intermitentes. O vento cortante do leste carregava ainda ecos da cidade cindida. Mas havia outros marcadores: o rio Spree serpenteando como uma assinatura, a Torre de TV perfurando o horizonte como um alfinete no mapa.

Mas há lugares onde meu mapa na mão e o sol no horizonte encontram seu limite. São as "não-cidades" – metrópoles desenhadas não para pés humanos, mas para o fluxo incessante de automóveis. Los Angeles e Brasília representam o ápice dessa contradição urbana: cidades tão meticulosamente planejadas que se tornaram ilegíveis para o corpo humano.

Em Los Angeles, a desorientação começa na escala. As distâncias enganam – o que parece próximo no mapa revela-se uma miragem de concreto e asfalto. O sol californiano, sempre presente, perde sua função de bússola quando todas as direções levam apenas a mais autopistas. É uma cidade onde a própria ideia de "caminhar até lá" soa como anacronismo. Enquanto Lisboa cresce como cresce uma árvore – torta, imprevisível, viva. Los Angeles se estende como uma planilha Excel infinita, onde cada célula é um quarteirão idêntico ao anterior.

Brasília eleva essa desorientação a níveis metafísicos. Os eixos monumentais, as superquadras numeradas com lógica impecável – tudo conspira contra a navegação intuitiva. O mapa de Brasília não é um guia, é um teorema. Nessas não-cidades, a ironia é pungente: quanto mais racional o desenho urbano, mais irracional se torna a experiência de habitá-lo. São cidades tão demasiadamente humanas em sua engenhosidade que perderam precisamente sua humanidade.

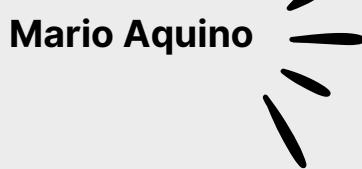
Hoje, com a voz sintética do navegador substituindo nosso diálogo interno com a cidade, seria fácil declarar obsoleta essa capacidade de orientação analógica. Mas será mesmo?

A tecnologia nos oferece precisão milimétrica, mas também nos priva de algo fundamental: a consciência espacial profunda, a compreensão tátil do território. Quando seguimos cegamente a voz do navegador, delegamos nossa percepção a um algoritmo. Perdemos a textura do lugar, a surpresa da descoberta accidental, a satisfação de codificar o território.

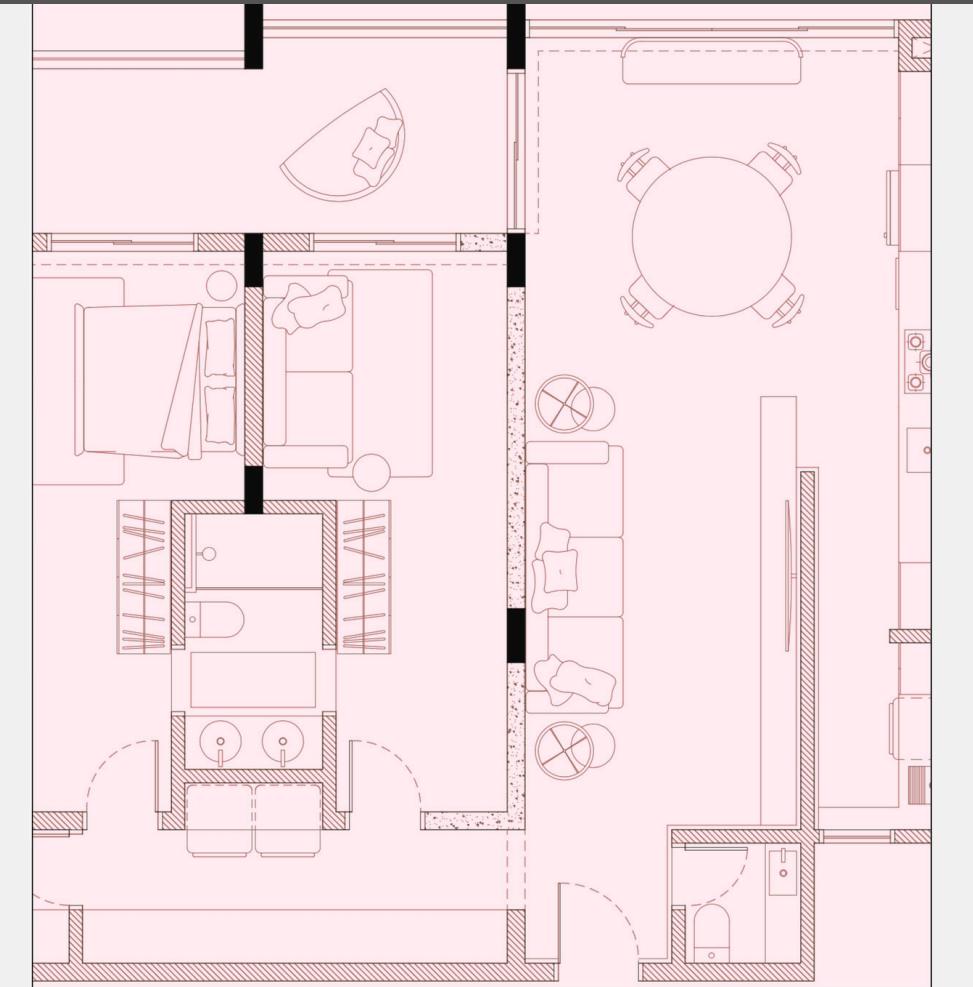
Ainda carrego mapas de papel. Carrego a necessidade existencial de sentir o território sob os dedos. Em Havana, onde o sinal de GPS dançava caprichosamente entre os edifícios coloniais, são as sombras projetadas na Plaza de Armas que indicam o caminho. Em cidades onde a tecnologia falha ou simplesmente não alcança, o mapa amassado no bolso volta a ser salvação.

A verdadeira navegação não é sobre chegar ao destino pelo caminho mais rápido. É sobre habitar o espaço entre a partida e a chegada, sobre ler a cidade como um texto vivo, sobre confiar na geometria do sol e na lógica secreta impressa em cada mapa. As não-cidades nos ensinam, por contraste, o valor do imperfeito, do orgânico, do acidentalmente humano – lugares onde perder-se ainda é possível e, paradoxalmente, necessário.

Dizem que todo mapa é uma mentira – uma simplificação impossível do real. Mas talvez a verdadeira mentira seja acreditar que o caminho mais curto entre dois pontos é sempre uma linha reta. Às vezes, é precisamente no desvio, na curva inesperada, no beco sem saída, que descobrimos não apenas onde estamos, mas quem somos. E para isso, ainda precisamos de um mapa na mão e o sol a nos orientar – não porque a tecnologia falhe, mas porque algumas jornadas só fazem sentido quando caminhadas com os próprios pés.



INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES



MAGNETICA

